

Almeida, Maria Antónia Pires de, Conceição Andrade Martins (2002), “Porqueiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 242-246. ISBN: 972-774-133-9.

Porqueiro.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Adueiro, Bacoreiro, Com bácoros, Com barascos, Com porcas, Com porcos, Conhecedor, Conhecedor dos porcos, Entregue das porcas, Farroupeiro, Guarda de barascos, Guarda de porcas, Guarda de porcas alfeiras, Guarda de porcos, Guardador de Porcos, Maioral da Corrida, Maioral das Porcas, Maioral de cerdos, Maioral dos porcos, Marroeiro, Montaraz, Para as porcas, Pastor de porcos, Porcariço, Porcário, Porqueiro da corrida, Rapaz da corrida, Serviço de varas, Vareiro.

Ao descrever os países mediterrânicos, Orlando Ribeiro escreveu: “O porco é reunido em grandes varas, pasta e descansa à sombra do montado, nas áreas que o afolhamento dos cereais deixou devolutas. Depois da ceifa, entra nos restolhos para comer as espigas tombadas no chão. O porqueiro, munido da vara com que sacode os frutos, é um pastor que se desloca com o seu gado embora num espaço restrito.” (Ribeiro, 1968). Este autor acrescenta que o porco é o animal mais antigo e o mais generalizado na Península Ibérica. De facto, a criação de porcos, sobretudo no Alentejo, domina a actividade económica dos concelhos onde abunda o montado de azinho e sobro, produtores de bolota e de lande, respectivamente (ver **Ganadeiro***). Rebelo da Silva também salienta a importância da criação de suínos: “Os montados do sul, os soutos da Beira, e os castanheiros do Minho eram citados no século XVII como uma das fontes copiosas da lavoura para criação e engorda de porcos, cujas raças mais distintas parece terem sido a dos cevados do Alentejo, curtos e carregados de toucinho” (Silva, 1868).

O *Porqueiro* era o ganadeiro dos porcos, uma profissão exclusivamente masculina no Alentejo. Pertencia ao grupo dos **Criados da Lavoura***, o que se confirma, por exemplo no facto de vir referido com a designação de *criado de servir-porqueiro*, no Registos Paroquiais, Avis, 1790-1890. Leite de Vasconcelos (1933) dá a seguinte definição: “*Porqueiro* ou *alfeireiro* é o maioral que anda todo o ano com porcos, pequenos ou grandes, sendo um alfeiro cerca de 500 animais. O porqueiro corre, na Primavera, as ervagens; no Verão passam para os agostadoiros, ou restolhos dos cereais. No Inverno, os porcos que já têm 16 meses a 2 anos vão para a engorda; os

que não têm de engordar – cerca de 6 meses – andam no retraço, restos de boleta deixados pela vara.” Silva Picão (Elvas, 1903) acrescenta: “Os porqueiros salientam-se pelo arranjo, compostura e asseio, qualidades que bastante os caracterizam. A estética preocupa-os tanto, que se lhes nota no vestuário e nos aparelhos das burras, irrepreensivelmente preparados e cuidados por eles próprios”.

Esta profissão está presente em praticamente todas as fontes consultadas na região do Alentejo e com grande abundância. As referências mais antigas a esta profissão encontraram-se na Lei da Almotaxaria de 1253 (Ribeiro, 1857), na Figueira e Barros em 1269 (Saraiva, 1997), em Évora em 1280 (Pereira, 1885) e em Elvas em 1281 (Chancelaria de D. Dinis). Nestas fontes as categorias encontradas foram *Porqueiro*, *Porcariço* e *Conhecedor* ou *Conhecedor dos porcos*. No Algarve no século XIV é usado o termo *Adueiro* (Actas de Vereação de Loulé, Duarte, 1999), que tanto significa pastor de porcos como de ovelhas.

Nos Forais Manuelinos vem referida a categoria de *Montaraz*, entre 1510 e 1512, em 15 localidades do Baixo Alentejo. Segundo Leite de Vasconcelos (1933) o *Montaraz* existe em Alcácer do Sal, é semelhante ao *Vareiro* e guarda o gado da montanha.

Nos livros de décimas de Arraiolos, Monsaraz e Avis desde 1643 a 1836 estão referidos todos os anos entre os criados a quem o lavrador pagava o maneiço, ou imposto sobre o trabalho. Residiam sobretudo no termo das vilas e apresentavam os valores mais altos de maneiço, ao mesmo nível do **Boieiro***. Nesta fonte encontramos as seguintes grafias: *porqueiro* / *porqueyro* / *porq^{ro}* / *porqueiro* / *porqueyro* / *proqueiro* / *porquero* / *porqueio*, além das categorias *Guardador de Porcos* (Avis, 1690, termo), *Maioral das Porcas* (1753-1778, por vezes com a grafia *Meyoral das porcas*), *Maioral dos Porcos* (1690-1778, por vezes com a grafia *Mayoral dos procos*), *Farroupeiro* e *Marroeiro* (1753, termo: “Marroeyro do lavrador de Rui Vaz”). Os livros de décimas permitiram ainda apurar a composição do património de alguns porqueiros, que podia chegar a incluir propriedades urbanas e rústicas, que arrendavam enquanto residiam ou eram **Caseiros*** nas herdades onde trabalhavam. Esta situação era atingida não só pelos mais altos salários que recebiam em relação aos restantes criados, além das *Comedorias* e do direito a uma casa, mas sobretudo pelo privilégio do *Pegulhal* (ver **Ganadeiro***). Ainda nos anos 70 e 80 do século XX, o porqueiro era um trabalhador privilegiado em relação aos outros: trabalhava mais

horas, mas tinha uma remuneração mais alta nas UCP alentejanas (como era o caso da UCP Bento Gonçalves, em Montemor-o-Novo, *in* Pires, 1991).

No Hospital da Misericórdia de Avis, entre os 306 trabalhadores justos doentes entre 1847 e 1956 apuraram-se 27% de ganadeiros. Neste grupo, os porqueiros ocupam a o 1º lugar com 39%. Também estão presentes nos recenseamentos eleitorais, Avis, 1870-1964.

Tal como nos restantes ganadeiros, é nos livros de contabilidade das casas agrícolas que se encontra a maior especificidade de categorias. O superior hierárquico era o já referido *Maioral*, tanto *das porcas*, como *dos porcos*. Estas categorias estão referidas nas Lavouras de Barroca d'Alva e Rio Frio, Alcochete, 1870, com a grafia *Moral*; Palma, Alcácer, 1881, Lopes de Azevedo, 1915 e Almeirim, 1918-32. Silva Picão descreve ao pormenor as funções do maioral: “incumbe-lhe muito particularmente a afiliação das porcas e a criação das bacoradas. Esta é a sua maior e mais espinhosa missão. Para bem a exercer, não guarda rebanho algum grande parte do ano, passando quatro meses ou mais na malhada respectiva (...) À medida que as porcas vão parindo, cumpre-lhe distribuir com equidade os leitões recém-nascidos (...) Realizada a desmama dos leitões, o maioral forma com eles um rebanho de que continua a tratar não só na malhada mas por fora, em pastoria, com o auxílio de ajuda (...) A assinalação dos leitões na pocilga, a escolha de marrãs para casta e dos bácoros para varrascos, a castração dos suínos machos, e a assistência à mesma operação nas fêmeas, são outros deveres imperiosos do maioral, como também lhe compete proceder ao encabeçamento do montado”. Foi ainda encontrada a categoria de Maioral de cerdos (Hospital da Misericórdia de Avis, 1860-71, com a grafia *Maoral de cerdos*).

O maioral “manda nos *porqueiros* e nos *ajudas*” (Leite de Vasconcelos, 1933). Entre estes existem as variantes de *Com porcos* e *Com porcas* (Palma, 1872-1889); *Guardador dos porcos* (Lavouras de Barroca d'Alva e Rio Frio, Alcochete, 1872); *Guarda de porcas* e de *porcos* (Palma, 1881 e Hospital da Misericórdia de Avis), *Pastor de porcos* e *Adueiro* (Leite de Vasconcelos, 1933) e ainda *Vareiro*, “Encarregado de *vara* de engorda no montado, desde o 1º de Novembro ou antes, até à venda dos porcos. O vareiro ou é um *entregue* qualquer, que no tempo de *vara* toma este encargo...” (Silva Picão, Elvas, 1903). Os porcos eram engordados durante 1 ano e meio; actualmente, em estabulação e com alimentação constituída por rações

aditivadas o processo é mais rápido, mas os resultados não são tão favoráveis. Na lavoura de Palma, Alcácer, 1889, esta função tinha a designação de *Serviço de varas*.

Os porqueiros tinham ainda várias especializações que se passam a enumerar. O *Marroeiro*, o porqueiro que guarda as *Marrãs*, que são as leitoas grandes, que já deixaram de mamar, mas ainda não pariram. As marrãs estão incluídas no grupo do alfeiro, cujo guarda tem a designação de *Guarda de porcas alfeiras* (Palma1881-2). Na fase seguinte há o *Entregue das porcas*, “o que guarda as porcas parideiras (...) Guarda a apascenta as porcas *criadeiras*, conduzindo-as à malhada, tanto à noitinha para lá pernoitarem, como ao meio-dia (estando paridas) para darem mama aos bácoros. Ao aproximar-se a parição das mesmas cumpre-lhe vigiá-las atentamente, providenciando, primeiro, para que vão parir às pocilgas e não à revelia no campo (...) segundo, acudindo de pronto aos bacorinhos recém-nascidos...” (Silva Picão, Elvas, 1903).

Depois de nascerem os bácoros, são necessários os serviços do *Bacoreiro* (Vila Viçosa, 1887); *Com bácoros* (Palma1872-89); *Com barascos* (Palma1872-89, grafias *Com barascos / com Borascos / com Baroscós*) e *Guarda de barascos* (idem). Quando os porquinhos atingem os 6 meses de idade são confiados à guarda do *Farroupeiro*: “*Entregue* incumbido dos *farroupetes* no tempo da *corrida* e depois das mesmas cabeças também, mas já como *farroupos* nas *ervas* e *agostadouros*.” (Silva Picão, Elvas, 1903) os farroupos são os porcos que foram desmamados e que começam a ser engordados para vender ou para reproduzir. Estes correm muito para apanhar as bolotas que caem dos sobreiros, por isso o farroupeiro, o *Maioral da Corrida*, o *Porqueiro da Corrida* ou o *Rapaz da corrida* era geralmente uma criança e obedecia ao porqueiro ou ao maioral dos porcos. O *Porqueiro da corrida* passava por vezes a noite inteira a correr atrás dos farroupos no montado, descansava pouco e odiava o **Maioral***. Começava como **Ajuda de gado*** aos 6 anos e raramente frequentavam a escola. Era a ocupação mais frequente para as crianças do sexo masculino no Alentejo até meados do século XX. Daí podiam evoluir para porqueiro, mas mais frequentemente passavam para outras modalidades do trabalho rural, como simples jornaleiros (ver **Trabalhador***), ou então seguiam no trabalho justo da lavoura, chegando por vezes a maiorais de parelhas, etc.

O porqueiro é uma figura presente na literatura portuguesa e geralmente é apresentado como preguiçoso e algo malandro. Nos contos tradicionais portugueses há um

Guardador de Porcos muito malvado que engana o patrão, vende-lhe os porcos, guardando-lhes as orelhas e os rabos, os quais depois coloca sobre a lama, dizendo ao patrão que os porcos se enterraram na lama. Mas as malvadezas não acabam aqui, a história é mesmo um pouco macabra... (Teófilo Braga, 1999).

Fernando Namora também descreve a vida de um maioral de forma muito pitoresca na sua obra *Retalhos da Vida de um Médico*, (1949). E Saramago salienta as maldades destes maiorais para com as crianças a seu cuidado, os *ajudas*. Além disso eram geralmente muito perguiçosos: “O maioral destes porcos não se mexia mais do que o outro, mas tinha a boa desculpa de ser velho...” (Saramago, 1980).

O porqueiro como profissão mais importante do montado alentejano perdeu grande parte da sua razão de ser com a peste suína africana “que desde 1957 afectou determinantemente uma das componentes do sistema de produção praticado – a engorda de porcos de montanha” (Castro Caldas, 1988). Esta doença dizimou o porco preto alentejano. Desde os anos 60 passou a haver porcos apenas em estábulos e de outras raças. Oliveira Baptista estudou a evolução dos efectivos de suínos na região de Beja e verificou um nítido declínio entre 1952 e 1972. Este autor diz que o fim da engorda dos porcos foi um dos factores do declínio do sistema latifundiário nos anos 1960 (Baptista, 1982). Nos anos 90 houve uma recuperação da criação da raça do porco preto, mas sem as proporções anteriores, pois assistiu-se em grande parte dos casos a um maior investimento na criação de gado bovino e ovino nas terras de montado anteriormente usadas pelos porcos.